

## O ENSINO DOS MEIOS TÉCNICO-TÁTICOS OFENSIVOS INDIVIDUAIS DO HANDEBOL POR INTERMÉDIO DE JOGOS NAS CATEGORIAS MIRIM E INFANTIL

Rafael Pombo Menezes<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste trabalho foi apontar as características do ensino-aprendizagem treinamento dos meios técnico-táticos ofensivos individuais do handebol, a partir dos aspectos de desenvolvimento referentes às categorias mirim e infantil. Destaca-se a importância dos jogos enquanto ferramenta na iniciação esportiva, principalmente pelos fatores associados à não-especialização precoce e à manutenção da complexidade e dos princípios operacionais envolvidos nos jogos. É enfatizado neste trabalho o ensino por meio de jogos, preconizado pelo método global-funcional, por facilitar a assimilação e a associação entre os elementos táticos do jogo. São apresentadas duas possibilidades de jogos, de caráter lúdico, para a iniciação ao handebol que buscam manter as estruturas do jogo formal.

**Palavras-chave:** Pedagogia do Esporte; Handebol; Tática Ofensiva.

### ***THE TEACHING OF OFFENSIVE INDIVIDUAL TECHNICAL-TACTICAL COMPONENTS OF HANDBALL FROM GAMES IN THE UNDER-12 AND UNDER- 14 CATEGORIES***

**Abstract:** *The aim of this work was to present the characteristics of the teaching-learningtraining of offensive individual technical-tactical components of handball, from the aspects related to development of under-12 and under-14 categories. It is considered the importance of the games as a tool in the sports initiation, particularly by factor associated with non-earllyspecialization and maintaining of complexity and operating principles involved in the games. Teaching through games, as recommended by global-functional method, is emphasized in thiswork to facilitate the assimilation and association between tactical elements of the game. In this work are presented two games for novice handball players that maintain the formal game structure within a playful perspective.*

**Keywords:** *Sport Pedagogy; Handball; Offensive Tactics.*

## INTRODUÇÃO

Os esportes ganham um espaço de notoriedade cada vez maior nos meios de divulgação em massa, como o rádio, a televisão e a internet, principalmente através da veiculação do esporte profissional. Também é possível identificar a associação da imagem dos esportes, e seus respectivos atletas, com perspectivas educacionais.

---

<sup>1</sup> Instituição/Afiliação: Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio

Os Jogos Coletivos Esportivizados (JCE's, para REIS, 1994), classe à qual pertencem modalidades como o handebol, o basquete, o voleibol, o futebol entre outros, assumem um importante papel do ponto de vista educacional, seja este em instituições formais ou não-formais de ensino. Dentre as tarefas relacionadas ao objetivo educacional (ou pedagógico), estão inseridos os aspectos do desenvolvimento (motor, cognitivo, social e afetivo) dos alunos, a inserção em uma modalidade e a possibilidade de conhecer novos jogos e esportes.

O handebol, assim como outros JCE's, caracteriza-se pela oposição entre duas equipes (NÉ *et al.*, 2000), pela possibilidade de invasão de quadra (onde os jogadores podem ocupar os espaços da quadra adversária) e de cooperação (pois os jogadores dependem de condutas táticas coletivas para obterem êxito). A afirmação de Garganta (1995, p.17) é clara ao apontar que “existe luta direta pela posse da bola, há invasão do meio campo adversário e as trajetórias predominantes são a de circulação de bola”, ou seja, há uma dependência da relação dos jogadores com a bola.

Além das capacidades físicas de força, velocidade, potência e resistência (além de suas possíveis combinações) exigidas durante o jogo de handebol, os jogadores devem ter um bom desempenho das capacidades técnico-táticas. Essas capacidades englobam ocupações racionais dos espaços da quadra e constantes adequações às relações espaço-temporais situacionais (considerada como uma tríade, pois não há relação espaço-temporal sem um contexto ou uma situação) impostas pelo jogo, como os deslocamentos dos seus companheiros, de um defensor, de seu vizinho, de todo um sistema ou mesmo da combinação entre esses fatores (em seus diferentes níveis de relações, conforme apresentado por GARGANTA, 1995). Sendo assim, trata-se de um JCE regido por estratégias e táticas (individuais e coletivas, ofensivas e defensivas) que sofrem influência (e ao mesmo tempo influenciam) da percepção dos jogadores nas situações impostas pelo jogo e das suas tomadas de decisão, diante do regulamento da modalidade.

A partir dessas características torna-se possível identificar diferentes fases do jogo (ofensiva, defensiva e transições) com diferentes regras de ação e princípios operacionais (BAYER, 1994). Sendo assim, as fases são basicamente definidas pela posse da bola da equipe que ataca e, por conseguinte, da ausência da posse da bola pela equipe que defende, e “para cada uma dessas fases há as escolhas de sistemas de jogo específicos, que irão nortear o posicionamento e o comportamento tático de todos os jogadores” (MENEZES & REIS, 2010, p.460).

Durante a fase ofensiva no handebol, objeto de estudo nesta revisão, são observadas diferentes ações individuais e uma grande variabilidade de interações coletivas para marcar seus gols. Para isso os atacantes comumente buscam obter superioridade numérica ou causar desequilíbrios corporais momentâneos de seus adversários que os favoreçam no domínio espaço-temporal-situacional.

Os princípios relacionados à fase ofensiva de jogo (BAYER, 1994) são a conservação da posse da bola, a progressão em direção ao gol adversário e a marcação dos pontos (ou gols, no handebol). Outros objetivos estão relacionados a essa fase como a busca pelo desequilíbrio corporal dos defensores, a busca pelo desequilíbrio numérico favorável (superioridade numérica ofensiva) e a realização de arremessos de zonas favoráveis.

As relações de oposição entre os jogadores exigem desses uma boa leitura das situações de jogo (capacidade de percepção) e respostas adequadas às situações (tomada de decisão), entendendo ainda que em diversas situações coexistam múltiplas soluções para sua resolução. A adaptação dos jogadores às diversas situações envolve alguns fatores, dentre eles: a forma com que o jogador percebe a situação, os meios que o jogador domina para tomar sua decisão e as “respostas” dadas pelos companheiros e adversários (e suas interações) frente à decisão tomada.

É importante ressaltar, ao apontar a coexistência de múltiplas soluções para a mesma situação, a imprevisibilidade que está implícita no handebol, dada pela não-determinação da decisão a ser tomada, por exemplo, por um atacante em posse da bola que, traz consigo dilemas a serem resolvidos pelos defensores em um curto período de tempo para antecipar as ações do seu oponente. Esse caráter imprevisível, ao considerar a grande complexidade inerente às situações dos JCE's, também pode ser influenciado pelo método de ensino adotado pelo professor. Santana (2005) faz uma crítica às práticas reducionistas, que fragmentam o jogo e que desconsideram a interação dos fatores complexos (como as influências dos meios familiar, escolar e das instituições esportivas) em busca de uma especialização esportiva precoce que não favorece o desenvolvimento de um pensamento complexo e aberto do aluno, e que restringe, dessa forma, a sua capacidade de compreender os fenômenos do jogo. A simplificação do ensino dos JCE's somente aos seus gestos técnicos específicos, pode acarretar em uma limitação na capacidade que os jogadores têm para perceber o jogo (REVERDITO *et al.*, 2009) e de intervir de forma inteligente nas situações que lhes são impostas.

Para Reverdito & Scaglia (2009) o jogo apresenta implicações pedagógicas relevantes, como a manutenção e o aperfeiçoamento da aprendizagem, além do fato de os jogadores encararem sempre novos desafios, principalmente a partir da complexidade das interações simultâneas e aleatórias dos jogadores. Desta forma, mostra-se procedente entender as situações-problemas reveladas pelos jogos e adequá-las à iniciação ao handebol (em específico nesta pesquisa considerando os meios técnico-táticos ofensivos individuais), especialmente pela complexidade imposta por esses jogos e pela necessidade do desenvolvimento da autonomia dos jogadores para as tomadas de decisão. O objetivo deste trabalho foi apresentar em forma de revisão as características relacionadas ao ensino-aprendizagem-treinamento (EAT, segundo GRECO, 2001) dos meios técnico-táticos ofensivos individuais do handebol nas categorias mirim e infantil, considerando a complexidade das situações e sugerindo possíveis formas de jogos.

## **OS MEIOS TÉCNICO-TÁTICOS OFENSIVOS INDIVIDUAIS NO HANDEBOL**

Alguns elementos que constituem o jogo de handebol são muito importantes para que este se desenvolva ou flua coerentemente do ponto de vista técnico-tático. Esses elementos são: os fundamentos (e as formas de execução desses gestos técnicos), os meios técnico-táticos ofensivos e defensivos, e os sistemas de jogo. Bompa (2005) ainda aponta que a técnica, a compreensão tática e as capacidades físicas e psicológicas são componentes estruturais do jogo.

Menezes (2010, p.4) aponta que para o ensino dos sistemas defensivos do handebol na categoria cadete (sub-16) há a dificuldade em “transmitir o significado e a importância de ‘defender’ para as crianças e adolescentes”. No ensino dos meios técnico-táticos ofensivos individuais para as categorias mirim e infantil o cerne da questão pode estar na transmissão da importância de se jogar coletivamente, desvinculando o jogo de ações ofensivas individuais isoladas.

Os meios táticos são formas de combinações ofensivas (com e sem a posse da bola) e defensivas (obrigatoriamente sem a posse da bola) que visam obter êxito perante os jogadores da equipe adversária. Essas combinações ofensivas e defensivas entre os jogadores podem abranger um pequeno grupo de jogadores (2 ou 3 jogadores) ou a maioria dos jogadores da equipe (acima de 4 participantes).

A utilização dos meios técnico-táticos, segundo Moreira & Tavares (2004, p.31),

“revela-se como o complemento dos sistemas de jogo, permitindo alguma criatividade a partir de combinações simples de dois ou três jogadores”, e que durante as fases iniciais do processo de EAT do handebol devem ser explorados de forma dinâmica e contextualiza. No handebol, os meios técnico-táticos ofensivos individuais são: as trajetórias, as mudanças de direção das trajetórias, o desmarque, as progressões e as fintas, caracterizados a seguir.

### *Trajetoórias*

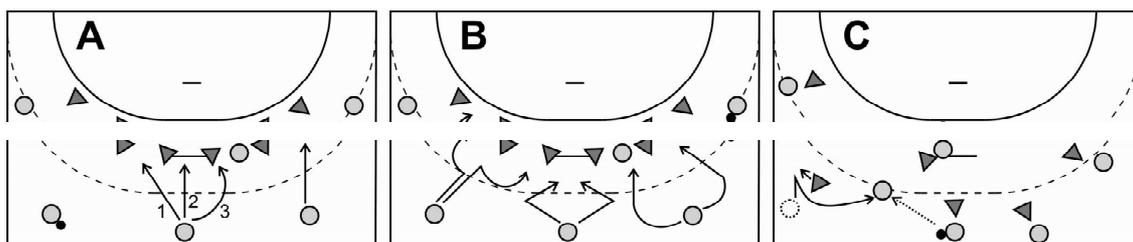
São os deslocamentos efetuados pelos jogadores que não possuem a bola, e são classificadas em reta, em diagonal ou em curva (Figura 1A). Têm como objetivos atrair a aten o dos defensores, fornecer apoio ao atacante em posse da bola e posicionar-se para receber a bola e dar continuidade ao jogo ofensivo (MENEZES, 2011).

### *Mudanças de dire o das trajetórias*

Caracterizadas por duas trajetórias executadas consecutivamente em dire es diferentes (ou combina o de duas trajetórias, sem a posse da bola, representadas na Figura 1B). Tem como objetivos enganar o defensor para criar espaços e buscar um posicionamento que possibilite boas condi es para o arremesso ou para a continuidade do jogo ofensivo (MENEZES, 2011).

### *Desmarque*

Caracteriza-se por sucessivas mudanças de dire o das trajetórias, sem a posse da bola, com o objetivo de livrar-se de um marcador muito próximo (como na marca o individual), representado na Figura 1C. Para Cuesta (1991, p.66) o desmarque   uma “a o surpresa que busca a ocupa o de um espaço eficaz antes de um defensor, iludindo sua marca o”, que exige dos atacantes um bom domínio das mudanças de dire o e das velocidades das trajetórias.



**Figura 1 - A:** representação das trajetórias em diagonal (1), reta (2) e em curva (3); **B:** representação das mudanças de direção das trajetórias; **C:** representação do desmarque efetuado pelo atacante sem a bola (adaptado de MENEZES, 2011)

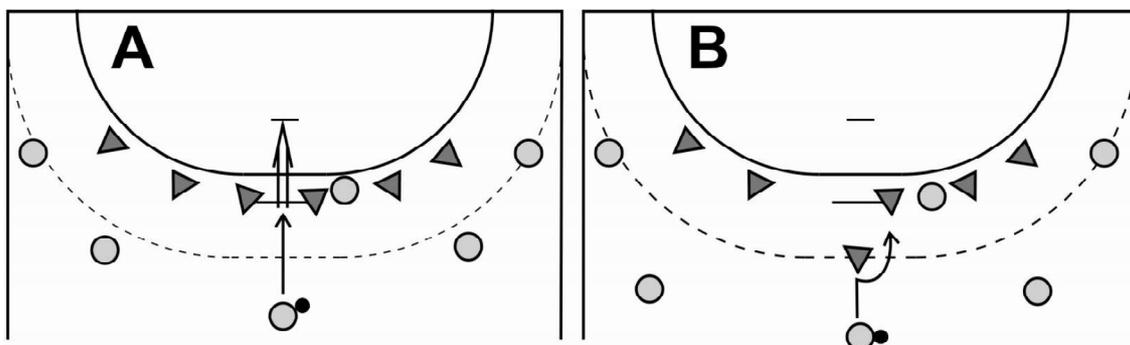
### *Progressões*

São os deslocamentos do atacante que possui a bola na direção do gol adversário (Figura 2A). Tem como objetivos a aproximação em relação aos defensores adversários (para oferecer perigo), a aproximação em relação à meta adversária (para a finalização) ou dar continuidade ao jogo ofensivo (MENEZES, 2011).

### *Fintas*

São ações executadas por um jogador com a posse da bola (durante sua progressão), em que esse muda a direção e a velocidade do seu deslocamento para vencer a oposição de seu marcador e gerar uma situação de superioridade numérica (Figura 2B).

Cuesta (1991, p.69) afirma que para a execução das fintas é importante “dominar as ações em espaços curtos sob pressão do adversário”, aproveitando-se do desequilíbrio do seu marcador. Para Medina & Ortín (2002) as fintas apresentam três fases: a de engano (ou de desequilíbrio do defensor), a de frenagem (parada brusca do atacante para análise da resposta do defensor) e a de saída (mudança de direção e saída rápida do atacante).



**Figura 2 - A:** representação da progressão do atacante com a posse da bola e posterior arremesso (seta mais larga); **B:** finta do atacante em posse da bola diante do seu marcador direto (adaptado de MENEZES, 2011)

Nas categorias mirim e infantil a dinâmica das atividades ou dos jogos devem procurar manter uma relação estreita com os princípios operacionais ofensivos (de conservar a bola, progredir em direção ao gol adversário e marcar os gols; BAYER, 1994). Independentemente do número de jogadores ou do espaço utilizado durante as atividades ou jogos (ou ainda jogos reduzidos ou pré-desportivos), os meios técnico-táticos devem ser enfatizados por se tratar da base de construção de todo o jogo ofensivo (individual) e dos possíveis desdobramentos coletivos.

## **CARACTERÍSTICAS DOS JOGADORES E DO JOGO NAS CATEGORIAS MIRIM E INFANTIL**

A categoria mirim no handebol é composta por jogadores na faixa etária de 11 e 12 anos, enquanto a infantil é composta por jogadores com idades entre 13 e 14 anos. Geralmente nessas categorias o tempo de jogo é modificado e há restrição quanto ao tipo de marcação que pode ser adotada, sendo dada a prioridade para a marcação individual (caracterizado pela proximidade entre os defensores e seus marcadores).

Essa proximidade traz implicações para o desenvolvimento do jogo ofensivo, por diminuir o tempo que os atacantes possuem para perceber as situações do jogo e tomar suas decisões. Sendo assim, há diversas situações simultâneas que são conflitantes para os atacantes durante a iniciação à modalidade, tais como os ajustes posturais, os ajustes de posicionamento (preferencialmente voltados para o gol adversário), a criação das linhas de passe e a dinâmica ofensiva (que dependem da visão periférica do jogador e das suas adaptações às respostas dos companheiros e adversários).

Mussen *et al.* (1977, p.235) afirmam que a percepção é o “processo através do qual a criança extrai informações significativas do mosaico sem sentido da estimulação física”, e ainda que “o objetivo da percepção é entender os acontecimentos do mundo, relacionando o que se capta sensorialmente a alguma unidade cognitiva”. Dentre os eventos que podem ser percebidos, segundo o autor, estão “coisas” físicas estáticas (objetos, odores e cores, por exemplo) e eventos dinâmicos, como os diferentes movimentos que ocorrem durante um jogo que influenciarão na execução dos meios técnico-táticos ofensivos pelos jogadores. Para Samulski (2002) a percepção não se limita apenas às vias sensoriais, mas trata da interação entre essas e as vias motoras, para que o jogador se organize e se oriente no cenário técnicotático

do jogo, tomando decisões que estejam inseridas no contexto desse.

Para Gallahue & Ozmun (2003) o período das categorias de interesse desta pesquisa é denominado de pré-pubescência, que envolve meninas entre 10 e 12 anos e meninos entre 11 e 13 anos, e marca o início da pós-pubescência para ambos. Segundo Malina *et al.* (2009), a Organização Mundial de Saúde (OMS) denomina o período entre 10 e 18 anos de idade de adolescência. Entende-se, então, que a faixa etária alvo deste estudo marca a faixa de transição entre o final do período da infância e o início da adolescência.

Bee (2003) entende que os adolescentes têm uma grande capacidade de aplicar operações mentais complexas, buscando hipóteses, opções e possibilidades de testes sistemáticos dessas. Para Bee (2003, aludindo à obra de Piaget), é representada a transição do estágio das operações concretas para o estágio das operações formais, no qual há o desenvolvimento do pensamento abstrato e do pensamento intencional. Como característica marcante desta etapa, temos o jogo simbólico sendo substituído pelo jogo de regras, manifestado nos JCE'S e que se estende por toda a vida, sendo que a implementação de regras nesse jogo pressupõe que o seu praticante seja um ser socializado e que pode (e deve) interagir com o outro (SCAGLIA *et al.*, 2002).

Malina *et al.* (2009, p.237), afirmam sobre o desenvolvimento motor que “os elementos específicos são geralmente resumidos em uma sequência de estágios de um movimento específico à medida que a criança progride de um padrão imaturo para um maduro”, o que não nos obriga a pensar em uma perspectiva de especialização precoce, mas sim em uma multiplicidade de estímulos que proporcionem aos jogadores assimilar e acomodar diversas possibilidades para a resolução de uma situação, enfatizando as relações do seu repertório motor e cognitivo com o que lhe é imposto pelo jogo.

Gallahue & Ozmun (2003) citam algumas tarefas de desenvolvimento para a média infância e adolescência, das quais, dentre outras, são apresentadas:

- Média infância (6-12 anos): aprender habilidades físicas necessárias para jogos comuns, construir uma atitude saudável em relação a si mesmo, desenvolver atitudes aceitáveis em relação à sociedade;
- Adolescência (13-18 anos): alcançar a independência emocional dos adultos e adquirir valores e um sistema ético para guiar o comportamento.

De acordo com as tarefas citadas pelos autores justifica-se o ensino dos JCE's para esses indivíduos por se tratar de um “microsistema social complexo e dinâmico”

(GARGANTA, 1995, p.15), que traz dilemas sobre as relações entre os jogadores (técnicas, táticas e emocionais), e as possibilidades de desenvolvimento físico, cognitivo e sócio-afetivo.

Além do desenvolvimento físico, explícito no aumento da estatura e das dimensões corporais dos indivíduos, outros aspectos estão em desenvolvimento acelerado no início da adolescência, como as alterações dos diferentes sistemas orgânicos, influenciados pelos processos maturacionais e que repercutem na prática de atividades esportivas. Autores como Gallahue & Ozmun (2003) e Malina *et al.* (2009) apresentam algumas mudanças anatômico funcionais como o aumento do tamanho do coração e dos pulmões e a melhoria da capacidade aeróbia e de força (com meninos desenvolvendo-se em taxas mais rápidas).

## **MÉTODOS DE ENSINO DOS JCE'S E EXEMPLOS DE ATIVIDADES NO HANDEBOL**

Dentre os métodos de ensino dos JCE's destacam-se o analítico-sintético, o globalfuncional e o situacional. O método analítico-sintético preconiza o ensino dos fundamentos (ou gestos técnicos) alienados do contexto do jogo, dentro de uma perspectiva fragmentada de ensino e partindo daquilo que é fácil para o difícil. Embora os aspectos técnicos (ou fundamentos) assumam uma fundamental importância nos JCE's, conforme explorado por Schmidt & Wrisberg (2001), este método apresenta como problema e elemento central a execução dos fundamentos de forma isolada, não garantindo a resolução de problemas de ordem tática (GALLATI & PAES, 2007).

O método global-funcional, diferentemente do método analítico-sintético, baseia-se em jogos de diferentes complexidades para o ensino dos JCE's. Esses jogos envolvem os fatores técnicos e técnico-táticos, podendo ou não buscar aproximações com a estrutura do jogo formal. Importa, então, para o método global-funcional que “o aluno deve ser estimulado a compreender a lógica que permeia o jogo, de modo que não seja restringida ou limitada sua capacidade de assimilação e associação” (GALLATI & PAES, 2007, p.38). Sendo assim, prioriza-se o ensino a partir de jogos, que se aproximam da estrutura técnico-tática da modalidade, porém sem o objetivo de especializar os jogadores. Os elementos constituintes do jogo podem ser semelhantes aos apresentados no jogo formal, porém os objetivos podem ser direcionados, por exemplo, para o desenvolvimento de um determinado meio técnico-tático do handebol.

A opção por atividades lúdicas baseia-se no fato de jogar pelo prazer (satisfação própria), situação na qual o jogador aliena-se, momentaneamente, do mundo que ocorre fora daquele contexto. Prodócimo *et al.* (2007, p.129) afirmam que o jogo é “uma evasão da vida real” e, por não pertencer “à vida ‘corrente’, trata-se de uma transferência para uma esfera temporária, como o ‘faz de conta’. Entende-se, portanto, que o processo de EAT, em concordância com Reis (1994, p.4):

deve não só permitir ao aluno o aprendizado destes jogos mas também que os procedimentos de ensino possam oportunizar aos alunos um espaço para a manifestação do lúdico, que é componente fundamental da cultura da criança.

Complementando as ideias anteriormente expostas, “as brincadeiras, os jogos desportivos das crianças, entre outros, são elementos-chave no processo de sociabilização” (GALLAHUE & OZMUN, 2003, p.485), assim como a necessidade de pertencer e de se identificar com um grupo. A importância do aspecto de sociabilização pauta-se nas alterações de comportamento dos indivíduos para alcançar as expectativas de um determinado grupo, nas quais estão envolvidas habilidades, valores e atitudes que o insiram nesse contexto (GALLAHUE & OZMUN, 2003). Sendo assim, Mussen *et al.* (1977, p.434) afirmam que:

o grupo de companheiros oferece uma oportunidade de aprender a interagir com colegas de mesma idade, a lidar com a hostilidade e a dominação, a relacionar-se com um líder, a liderar outras crianças, a lidar com problemas sociais e a desenvolver um auto-conceito.

É importante ressaltar a importância dada por Vygotsky, citado por Colaço (2004), dos processos de mediação (no qual o professor estimula a criança e esta traduz o estímulo para uma resposta conforme sua interligação com o meio) e de interação (que pressupõe a troca de informações entre os indivíduos e a concepção da construção social do sujeito). Ambos os processos são influenciados diretamente pelo método de ensino adotado pelo professor, porém especificamente ao processo de interação cabe a ressalva de que, no método global-funcional, o ambiente lúdico e complexo do jogo revela situações-problemas de ordem interacional (por esse ser considerado um ‘faz-de-conta’ dotado de significados sócio-afetivos) que o método analítico-sintético, por exemplo, propicia em menor escala.

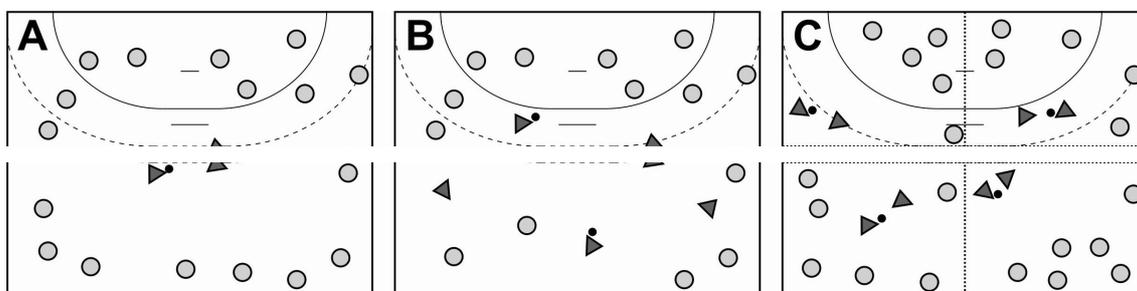
Sendo assim, entende-se que as atividades que envolvem situações-problemas de ordem coletiva mostram-se relevantes para o ensino dos JCE's por considerarem a

complexidade desses. A seguir são descritos dois jogos, e suas possíveis variações, para o ensino dos meios técnico-táticos ofensivos individuais do handebol.

#### *Atividade 1: Pega-pega com a bola*

Nesta atividade é selecionada uma dupla ou trio e os demais jogadores espalham-se em um determinado espaço (meia-quadra ou quadra inteira – Figura 3A). O objetivo dos pegadores é encostar a bola (e não jogá-la) nos demais jogadores e transformá-los em pegadores (aqueles que forem pegos passam a ajudar), enquanto isso os demais jogadores devem fugir para não serem pegos. Para todos os jogadores são exigidas tarefas semelhantes, como as trajetórias e suas mudanças de direção. No caso específico dos pegadores exige-se a progressão, em que esses podem dar até três passos em posse da bola (aproximando-se também do fundamento de ritmo trifásico).

Algumas variações podem ser feitas para proporcionar aos jogadores maior variabilidade de estímulos, tais como a inclusão de uma bola extra (Figura 3B), a variação do espaço no qual o jogo acontece (aumentando-o ou diminuindo-o – Figura 3C) ou mesmo permitir aos pegadores que driblem (que no handebol se refere ao ato de quicar a bola).



**Figura 3 - Em A: Pega-pega com a bola iniciando com dois pegadores (e uma bola); em B: variação com duas bolas em jogo; em C: variação com redução do espaço de jogo**

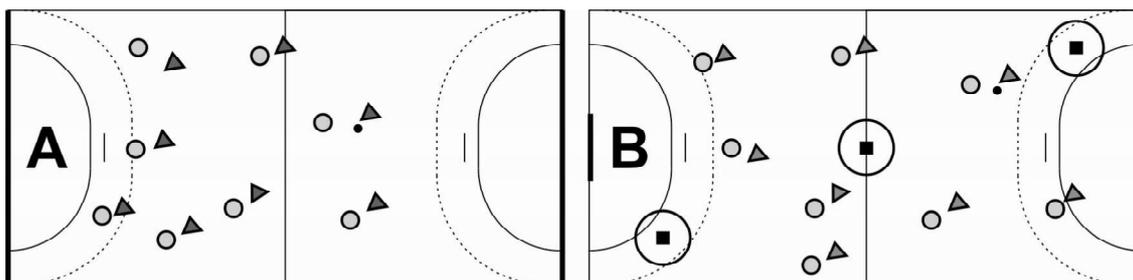
#### *Atividade 2: Futebol americano adaptado*

Nesta atividade a turma é dividida em duas equipes que têm como objetivo colocar a bola sobre a linha de fundo da quadra adversária (Figura 4A). Para atingir esse objetivo os atacantes devem passar a bola entre si e evitar que os defensores a recuperem, sendo o início do jogo dado com a bola ao alto (semelhante ao basquetebol). O sistema defensivo individual deve ser adotado por ambas as equipes, devendo o jogo

ocorrer de forma livre, com a restrição (inicial) de não poder driblar, fato que limita as progressões e, em contrapartida, favorece o desenvolvimento da coletividade ofensiva. É importante ressaltar que os princípios operacionais ofensivos são contemplados que há ênfase dos meios técnico-táticos como as trajetórias, as mudanças de direção das trajetórias e os desmarques. Algumas variações do jogo podem favorecer as progressões e as fintas, como permitir ao possuidor da bola driblar uma vez e dar mais três passos em posse da mesma.

Outras variações são possíveis como:

- incluir bolas-extras;
- inverter a posse da bola, caso um defensor toque no atacante em posse da bola;
- inserir alvos aleatórios na quadra de jogo (Figura 4B);
- mudar o espaço do jogo (aumentando-o ou diminuindo-o);
- mudar os locais de pontuação (como encostar a bola nas traves, na linha de gol ou derrubar cones nas extremidades da quadra).



**Figura 4 - Em A: representação do jogo com o objetivo de colocar a bola no fundo a quadra (linhas mais largas); em B: representação do jogo com diminuição do espaço para marcação do ponto (linhas mais largas nas áreas correspondentes aos gols) e colocação de três**

O desenvolvimento dos meios técnico-táticos individuais ofensivos sugere melhoria da qualidade do jogo coletivo ofensivo, pela compreensão das trajetórias e suas formas de combinações, a partir de características como a diminuição do tempo necessário para perceber o ambiente complexo que se configurou e o aumento da velocidade e do repertório de possibilidades nas ações dos jogadores.

Sadi *et al.* (2008) afirmam que os jogos em espaços reduzidos possibilitam a apresentação da similaridade presente nos jogos de invasão, sendo as crianças capazes de conservar os conhecimentos e táticas dos jogos para a realização de outros jogos. As interrupções feitas pelo professor em situações inusitadas durante os jogos também

podem servir como elementos de compreensão técnico-tática para os jogadores, buscando a formação de indivíduos críticos enquanto sua participação nos jogos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O professor tem um papel decisivo enquanto mediador do processo de EAT, cuja importância é verificada na escolha do método de ensino e no planejamento das atividades, que devem ser contextualizadas às exigências técnico-táticas e aos princípios do jogo.

Os jogos a serem aplicados na iniciação ao handebol, especificamente nesta pesquisa para o ensino dos meios técnico-táticos ofensivos individuais, devem apresentar semelhanças com a estrutura do jogo formal, seja por situações reduzidas ou por adaptações nas regras. Os exemplos dos dois jogos aqui apresentados agregam os princípios operacionais do handebol e os fundamentos da modalidade, sendo de simples desenvolvimento, com baixo custo e, provavelmente, já são conhecidos (mesmo com outras denominações) por alguns professores.

Entende-se aqui que quando se objetiva a formação de um jogador com inúmeras possibilidades e que seja inteligente para resolver as situações em um ambiente complexo e motivante (como o do jogo), são necessários estímulos que levem o jogador a pensar de forma livre, ampliando suas possibilidades de intervenção a partir da melhoria da percepção. A opção pelo ensino por meio de jogos nas categorias mirim e infantil no handebol centra-se na ludicidade e na complexidade das situações apresentadas durante os jogos que, dentro da perspectiva de invasão de quadra e das relações de oposição, buscam desenvolver nos jogadores a ideia de múltiplas possibilidades para a resolução de tarefas.

Galatti *et al.* (2008, p.402) afirmam que uma das características fundamentais do jogo está no fato de que “as regras podem ser alteradas pelos jogadores, que não têm a obrigação de vencer, embora se mantenha a possibilidade de competir”. Dessa forma, torna-se possível desenvolver os princípios operacionais ofensivos (BAYER, 1994), e que se torna justificável diante da afirmação de que “todo esporte se origina de um jogo e, dessa perspectiva, é fácil compreender a utilização dos jogos como elementos metodológicos para o ensino do esporte” (SADI *et al.*, 2008, p.17).

A iniciação aos JCE's, em específico neste trabalho com as questões que envolvem o EAT dos meios técnico-táticos ofensivos individuais do handebol, deve ser

planejada de forma a propiciar aos jogadores múltiplas práticas de caráter não-especialista, por entender que a iniciação deva ter um caráter geral e de ampliação dos conhecimentos técnico-táticos. Concorde-se, então, com a afirmação de Sadi *et al.* (2008, p.25) de que o principal objetivo, a partir das ideias expostas ao longo este trabalho, é o de buscar o “desenvolvimento do aluno, da inteligência esportiva, da capacidade de tomada de decisão e resolução de problemas táticos” a partir de atividades que utilizem poucos recursos materiais (que por muitas vezes representa a realidade dos ambientes de ensino dos JCE's), mas que mantenham o aluno como foco do processo de EAT.

O ensino a partir dos jogos considera a complexidade da modalidade, que envolve fatores como a aleatoriedade e a simultaneidade das ações dos jogadores, trazendo importantes contribuições quando pensamos no comportamento tático dos jogadores, que é influenciado diretamente pela percepção que esses possuem do cenário técnico-tático. Sugere-se, portanto, como alternativa para o ensino dos meios técnico-táticos ofensivos individuais a aplicação do método global-funcional, principalmente por considerar a dinâmica do jogo. Essa opção se torna evidente quando comparada ao método analítico-sintético, pelo fato deste descontextualizar as situações de jogo, fragmentando-o em partes cada vez menores e que, por muitas vezes, não fazem sentido para os alunos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAYER, C. **O ensino dos desportos colectivos**. Lisboa: Dinalivros, 1994.
- BEE, H. **A criança em desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- BOMPA, T.O. **Treinando atletas de desporto coletivo**. 1. ed. São Paulo: Phorte, 2005.
- COLAÇO, V.F.R. Processos interacionais e a construção de conhecimento e subjetividade de crianças. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 17(3), p. 333-340, 2004.
- CUESTA, J.G. **Balonmano**. Madrid: Comitê Olímpico Espanhol, 1991.
- GALATTI, L.R.; PAES, R.R. Pedagogia do esporte e a aplicação das teorias acerca dos jogos esportivos coletivos em escolas de esportes: o caso de um clube privado de Campinas – SP. **Conexões**, v. 5, n.2, p.31-44, 2007.
- GALATTI, L.R.; FERREIRA, H.B.; SILVA, Y.P.G.; PAES, R.R. Pedagogia do esporte: procedimentos pedagogicos aplicados aos jogos esportivos coletivos. **Conexões**, v. 6, p. 397-408, 2008.

GALLAHUE, D.L.; OZMUN, J.C. **Compreendendo o desenvolvimento motor**: bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Phorte Editora, 2003.

GARGANTA, J. **O ensino dos jogos desportivos**. Porto: Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, 1995.

GRECO, P.J. Métodos de ensino-aprendizagem-treinamento nos jogos esportivos coletivos. In: GARCIA, E.S.; LEMOS, K.L.M. **Temas Atuais VI em Educação Física e Esportes**. Belo Horizonte: Saúde Ltda., 2001. p. 48-72.

MALINA, R.M.; BOUCHARD, C.B.; BAR-OR, O. **Crescimento, maturação e atividade física**. 2. ed. São Paulo: Phorte, 2009.

MEDINA, A.; ORTÍN, N. **Guía didáctica de balonmano**. 1. ed. Murcia: Diego Marín Librero-Editor, 2002.

MENEZES, R.P. O ensino dos sistemas defensivos do handebol: considerações metodológicas acerca da categoria cadete. **Pensar a Prática**, v.13, n.1, p.1-16, 2010.

MENEZES, R.P., REIS, H.H.B. Análise do jogo de handebol como ferramenta para sua compreensão técnico-tática. **Motriz**, v. 16, n.2, p. 458-467, 2010.

MENEZES, R.P. **Modelo de análise técnico-tática do jogo de handebol: necessidades, perspectivas e implicações de um modelo de interpretação das situações de jogo em tempo real**. 2011. 302 f. Tese de Doutorado, Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

MOREIRA, I., TAVARES, F. Configuração do processo ofensivo no jogo de andebol pela relação cooperação/oposição relativa à zona da bola. Estudo em equipas portuguesas de diferentes níveis competitivos. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, 2004, v.4, n.1, pp.29-38.

MUSSEN, P.H.; CONGER, J.J.; KAGAN, J. **Desenvolvimento e personalidade da criança**. São Paulo: Editora Harper & Row do Brasil, 1977.

NÉ, R.; BONNEFOY, G.; LAHUPPE, H. **Enseñar balonmano para jugar en equipo**. Barcelona: INDE Publicaciones, 1ª edição, 2000.

PRODÓCIMO, E.; CAETANO, A.; SÁ, C.S.; SANTOS, F.A.G.; SIQUEIRA, J.C.F. Jogo e emoções: implicações nas aulas de Educação Física Escolar. **Motriz**, v. 13, n. 2, p. 128-136, 2007.

REIS, H.H.B. **O ensino dos jogos coletivos esportivizados na escola**. 1994. 75 f. Dissertação de Mestrado, Centro de Educação Física e Desporto, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1994.

REVERDITO, R.S.; SCAGLIA, A.J. **Pedagogia do esporte: jogos coletivos de invasão**. São Paulo: Phorte Editora, 2009

REVERDITO, R.S.; SCAGLIA, A.J.; PAES, R.R. Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. **Motriz**, v. 15, n. 3, p. 600-610, 2009.

SADI, R.S.; COSTA, J.C.; SACCO, B.T. Ensino de esportes por meio de jogos: desenvolvimento e aplicações. **Pensar a Prática**, v. 11, n. 1, p. 17-26, 2008.

SAMULSKI, D.S. **Psicologia do esporte**. 1ª edição. São Paulo: Editora Manole, 2002.

SANTANA, W.C.. Pedagogia do esporte na infância e complexidade. In: PAES, R.R.; BALBINO, H.F. **Pedagogia do esporte**: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, p.1-22, 2005.

SCAGLIA, A.J.; ELLER, D.E.; CARVALHO, J.C. Dois estudos sobre o jogo. **Pedagogia do movimento: coletânea de textos**, 2002.

SCHMIDT, R.; WRISBERG, C. **Aprendizagem e performance motora**: uma abordagem da aprendizagem baseada no problema. 2.ed. Porto Alegre: Artmed Editora, 2001.

<b>Contato do Autor:</b> <a href="mailto:rafael.pombo@yahoo.com.br">rafael.pombo@yahoo.com.br</a>	<b>Data de Submissão:</b> 09/11/2011  <b>Data de Aprovação:</b> 24/02/2012
--	--